

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

A LEITURA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Cristiane Furlan (UCAM)¹

Resumo

A pesquisa em questão tem como objetivo apresentar a importância da literatura infantil e do incentivo à formação do hábito de leitura na primeira infância, de 0 a 6 anos, período em que os hábitos se consolidam, destacando a criança com deficiência intelectual como foco de intervenção. Neste sentido, a literatura é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos, percepções de forma prazerosa e significativa, além de contribuir para o desenvolvimento da linguagem infantil e interferir positivamente nas relações pessoais. O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que inicia com um breve histórico da literatura, aborda aspectos do desenvolvimento infantil que preparam a criança para a exploração do livro, além de destacar a importância que a leitura tem para a criança com deficiência intelectual e o papel da família nesse processo. A partir dessas reflexões, espera-se que o livro seja um instrumento que auxilie no desenvolvimento da linguagem da criança com deficiência intelectual, além de contribuir para a formação do vínculo familiar, fortalecendo os aspectos emocionais da criança.

Palavras-Chave: Leitura. Desenvolvimento Infantil. Família. Deficiência Intelectual.

Abstract

The research in question aims to present the importance of children's literature and the incentive to the formation of the habit of reading in early childhood, from 0 to 6 years, period in which habits are consolidated, highlighting the child with intellectual disability as the focus of intervention. In this sense, literature is a path that leads the child to develop the imagination, emotions and feelings, perceptions in a pleasant and meaningful way, besides contributing to the development of children's language and positively interfering in personal relationships. The present study deals with a

¹ Especialista em Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Especialista em Educação Especial pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba (FALC). Fonoaudióloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Professora de Educação Infantil e Fundamental I. Atua na APAE/Barueri como fonoaudióloga e como Professora de Atendimento Educacional Especializado na Prefeitura de São Paulo.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

qualitative bibliographical research that begins with a brief history of the literature, discusses aspects of child development that prepare the child for the book's exploration, besides highlighting the importance that the reading has for the child with intellectual disability and the role of the family in this process. Based on these reflections, it is expected that the book is an instrument that helps in the development of the language of the child with intellectual disability, as well as contribute to the formation of the family bond, strengthening the emotional aspects of the child.

Keywords: Reading. Child development. Family. Intellectual Disability.

Introdução

Por trabalhar na área da educação, como fonoaudióloga e psicopedagoga, e acompanhar famílias de crianças com deficiência intelectual há 21 anos, pude entender a importância e a influência que a leitura traz nas relações familiares, além de perceber vertentes extremas, independentemente do nível socioeconômico dos envolvidos. Uma delas é o não aproveitamento do acesso à leitura que lhe é oferecido e a outra com famílias que participam, estimulam e incentivam a leitura. Nesta experiência, em particular, percebe-se que a leitura amplia as experiências da criança e contribui para a sua aprendizagem, reverberando em um maior e melhor tempo de atenção, ampliando seu vocabulário, estimulando o imaginário e, principalmente, impulsionando as relações, valorizando o estar junto, atitude esta que no mundo tecnológico atual, apesar dos seus benefícios, tem se perdido diariamente.

A relevância do tema ocorre por ser o livro um recurso de fácil acesso, mas ainda pouco explorado no aprendizado da criança. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2005), somente 14% da população tem o hábito de ler; portanto, devemos incentivar as crianças a terem gosto pela leitura, esperando que se tornem adultos leitores. O livro é fonte de prazer e aprendizado, tanto para o leitor, como para quem ouve. Além disso, a leitura auxilia na formação do cidadão crítico e reflexivo que consegue ter várias visões de um mesmo assunto, além de ter experiências únicas e, às vezes, pouco prováveis de serem vividas sem o auxílio do livro.

Devo ressaltar que, atualmente, a leitura está à disposição de todas as pessoas,

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

pois além das bibliotecas públicas, grandes empresas têm incentivado este hábito. O Metrô de São Paulo, por exemplo, tem um programa que estimula a troca de livros entre seus usuários. Foram distribuídos vários livros nos assentos dos trens e o usuário pode pegá-los, lê-los e depois devolvê-los nos assentos, para que outros leitores possam ter acesso. Há também uma máquina com diversos livros, localizadas próximas às plataformas, que o usuário do Metrô paga o quanto achar que vale pelo livro. O Banco Itaú também desenvolve um programa de incentivo a leitura de livros infantis, distribuindo-os gratuitamente. Com material adequado e rico graficamente para as idades que devem ser atingidas.

Em relação ao deficiente intelectual da primeira infância, ele é, por sua condição, dependente do adulto para receber estímulos positivos, para novas possibilidades e aquisições. Portanto, espera-se que este adulto seja uma pessoa com bons hábitos leitores e que possa favorecer a criança a receber os benefícios da leitura. Caso isso não ocorra, a criança será impedida de receber parte de estímulos para seu pleno desenvolvimento e, especificamente, para o desenvolvimento de linguagem e para os aspectos de interação e relação com o outro.

A partir destas diferentes reflexões e com base em teóricos como Cademartori (1994), Honora e Frizanco (2008), Sandroni e Machado (1998) e Vasconcelos (2004), pretende-se desenvolver uma pesquisa, cujos conteúdos auxiliem no despertar do hábito de ler com e para a criança da primeira infância com deficiência intelectual, independentemente de sua situação econômica ou social, estabelecendo e fortalecendo os vínculos familiares e sociais.

1 Breve histórico da literatura infantil e seus desdobramentos

Ao pensar na literatura infantil, encontramos dois momentos: o lendário e o escrito. Sem registro escrito, a literatura lendária apresenta-se na forma da comunicação entre mães e filhos, em que eram contadas histórias que retratavam fatos que se passavam na época, e eram utilizadas também como uma forma de amenizar os protestos

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

contra opressão do povo. Essa literatura infantil surgiu no século XVII, com Fenelon (1651-1715), com a função de educar moralmente as crianças. As histórias tinham uma estrutura maniqueísta, a fim de demarcar claramente o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado.

A maioria dos contos de fadas, fábulas e mesmo os textos contemporâneos cabem nessa classificação. Naquele momento, a literatura infantil constitui-se como gênero em meio a transformações sociais e repercussões no meio artístico. Em 1697, Charles Perrault (1628-1703) traz a público, histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades: “Contos de Mãe Gansa”. Esse livro de contos trazia as seguintes histórias: “A bela adormecida”, “O gato de botas”, “As fadas”, “A gata borralheira”, “O pequeno polegar” e “Henrique do Topete”. Depois disso, apareceram os seguintes escritores: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol e Bush.

Os contos de fadas, atualmente conhecidos, surgiram na França, ao final do século XVII, com Perrault, que editou as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando passagens violentas e de canibalismo. Acredita-se que antes do cunho pedagógico a literatura contemplava a mente adulta. No Brasil, a literatura infantil pode ser marcada com o livro de Andersen “O Patinho Feio”, no século XX. Após, surgiu Monteiro Lobato, com seu primeiro livro “Narizinho Arrebitado” e, mais adiante, “muitos outros que até hoje cativam milhares de crianças, despertando o gosto e o prazer de ler” (CADEMARTORI, 1994, p. 36). Anteriormente, no Brasil essas obras se baseavam em produções portuguesas, cujo cunho era pedagógico.

Com o processo de industrialização, a produção de livros expandiu-se e aliou-se à escola, pois era necessário adquirir livros para aprender a língua escrita. De acordo com Lajolo e Zilbermann (2002, p. 25), “a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo”.

1.1 Estreitando os laços entre a literatura e a criança

Antigamente, o enfoque da literatura infantil estava voltado à literatura produzida para adultos aproveitada e reaproveitada para a criança, trata-se de um

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

aspecto didático pedagógico que se baseava na linha paternalista, moralista e centralizadora em relação ao poder. Era, portanto, uma literatura que estimulava a obediência, segundo os dogmas religiosos, o governo e/ou senhor. As estruturas eram sempre as mesmas: uma literatura intencional, na qual as histórias acabavam sempre castigando e premiando o que se julgava bem ou mal. Criavam-se, então, expectativas em relação a essas crianças que eram educadas e moldadas de forma rígida, seguindo os preceitos religiosos.

A literatura não tinha, portanto, objetivo de ser fonte de prazer ou ludicidade. Essa visão de bem e mal, carregada de interesses, passa a ser substituída por volta de 1970 e a literatura infantil, no que se refere ao Brasil, passa por uma revalorização, em que elementos como cotidiano, família, escola, valorização das aventuras, esporte, questões raciais, entre outros temas de cunho abrangente, passam a ser abordados de forma coerente, enriquecendo essa literatura.

Cademartori (1994, p.,23), afirma que:

[...] a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

A literatura infantil começa a apresentar temas da infância e não mais conceitos moralistas. A criança começa a participar, dando opiniões e refletindo sobre assuntos que são de seu conhecimento. Os personagens também se tornam próximos a elas, pois possuem sentimentos e relatos que fazem parte de seu repertório e transformam as crianças em protagonistas das histórias.

A compreensão e significação daquilo que a cerca deve iniciar-se quando bebê, nos primeiros contatos com o mundo. Está cientificamente comprovado que ler para bebês estimula o seu desenvolvimento e, possivelmente, seu hábito para leitura. Quando o bebê nasce, seu cérebro pode realizar muitas ações, mas ainda

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

não está totalmente desenvolvido; desta forma, quanto mais os sentidos são estimulados, mais rápido há o desenvolvimento do seu cérebro. O ato de ler em voz alta, por exemplo, pode ensinar a comunicação básica. Quando os pais leem ajudam no desenvolvimento emocional da criança, pois este ato propicia o contato e a interação.

1.2 Ouvir, ler e contar histórias

Ouvir histórias é parte fundamental na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter todo um caminho de descobertas e de compreensão do mundo. Mundo este absolutamente infinito. O primeiro contato da criança com histórias, textos em geral é feito oralmente. É através da voz dos pais, avós, contando “causos”, contos de fada, histórias inventadas, trechos da Bíblia, narrativas de quando eles eram crianças, que essas histórias são contadas em ambientes e situações variadas contribuindo para este ato.

Ler histórias para as crianças é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas e encontrar muitas ideias para solucionar questões tais quais os personagens fizeram. É estimular para desenhar, para teatralizar, para brincar, para musicar. Tudo pode nascer do ouvir histórias. O escutar histórias é tão amplo, trata-se de possibilidades de descobrir o mundo imenso de conflitos, das dificuldades, das soluções, dos impasses que atravessamos e vivemos de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados e enfrentados ou não, solucionados ou não, pelos personagens de cada história, cada qual ao seu modo. E assim esclarecer melhor as nossas experiências ou, ainda, encontrar um caminho possível para elas.

É ouvindo histórias que também se podem sentir emoções importantes, descobrir novos lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras. É saber geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, história sem precisar saber o nome de tudo isso. Como já dito anteriormente, ouvir e ler histórias são,

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

também, formas de desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar; é se sentir cutucado, inquieto, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de ideia; é ter vontade de reler ou deixar de lado de uma vez; é ficar fissurado querendo ouvir várias vezes ou chegar à conclusão que detestou e não querer nenhum tipo de aproximação com aquela história chata ou boba ou, ainda, sem graça. É formar a opinião e formular seus próprios critérios, criar uma afinidade com determinado gênero, autor, se identificar com uma ideia e seguir por essa trilha, encontrando novos e outros valores.

O contar histórias requer também conhecimento. Afinal, nelas se descobrem palavras novas, se depara com músicas, com a sonoridade das frases, nomes, contextos, capta-se o ritmo, a cadência entre outros elementos. Quem conta tem que criar um clima de envolvimento, de encanto. Saber dar as pausas, o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar os seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na face do rei e todas as outras coisas que complementam este ato.

Ao ter este tipo de contato, a criança passa a interagir com as histórias, acrescenta detalhes, informações, personagens, lembra-se de fatos que passaram despercebidos pelo contador. Essas histórias reais, que acontecem em meio à contações, são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade e compreenda melhor as suas relações familiares. A relação desenvolvida entre o contador de história e o ouvinte é muito importante para a formação do vínculo, pois isso contribui para o fortalecimento do sujeito e influencia na formação de seu caráter.

Ouvir histórias, desde pequeno, auxilia no desenvolvimento do imaginário e do pensamento lógico. De acordo com Sandroni e Machado (1998, p. 15), “os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência na vida real”. É importante apresentar o livro para a criança desde os primeiros meses de vida, pois o toque, o

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

manuseio e até o levar a boca vão propiciar experiências que ajudarão no despertar do interesse, desenvolver sentidos, manter a atenção, ampliar vocabulário, além de outros benefícios voltados à aspectos emocionais da criança.

Com o passar do tempo, devemos acompanhar o interesse leitor da criança. Se a criança não lê é porque não lhe estão apontando caminhos para o desfrute de belos e bons textos, textos estes que estão disponíveis e são fáceis de achar. Literatura é arte, é prazer. Uma das atividades mais fundantes, significativas, abrangentes e mais suscitadoras é a que decorre do ouvir e do ler uma história.

2 A criança de 0 a 6 anos: aspectos relevantes para a exploração do livro

O presente trabalho foca nessa faixa etária (zero a seis anos), pois é na primeira infância que acontecem intensos processos de desenvolvimento. É uma fase determinante para a capacidade cognitiva e sociabilidade do indivíduo, pois o cérebro absorve todas as informações, as respostas são rápidas e duradouras e as crianças precisam de oportunidades e estímulos, para que possam se desenvolver.

O bebê nasce com as funções vitais e é a partir do aprendizado e influência do meio que se desenvolve e constitui-se enquanto sujeito. O desenvolvimento motor apresenta-se, inicialmente, com ações reflexas e é com o amadurecimento da criança que as funções vão se aprimorando. As atividades motoras amplas desenvolvem-se a partir das interações e dos aprendizados que são oportunizados pela exploração do ambiente. O aprimoramento das funções globais leva ao desenvolvimento da coordenação motora fina, a qual contribui para o aprendizado da escrita.

Em relação aos aspectos relacionados ao desenvolvimento cognitivo, de acordo com Piaget (1976), a criança aprende construindo e reconstruindo seu pensamento. O desenvolvimento infantil está dividido em quatro estágios: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 11 anos) e operações formais (11 anos em diante). Apesar de todos os períodos terem peculiaridades do desenvolvimento, é no período pré-operatório que ocorre o desenvolvimento das funções simbólicas, o

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

qual tem uma participação significativa no aprimoramento da linguagem.

O desenvolvimento afetivo da criança de 0 a 6 anos, destaca-se pelo período entre 0 e 1 ano de vida, que é aquele em que as questões afetivas merecem maior atenção. É no qual a criança começa a relacionar-se com o outro e desenvolve afeto ou repulsa de acordo com o que é recebido. As primeiras trocas afetivas são importantes pois serão referência para as suas próximas relações.

A partir do breve conhecimento do desenvolvimento da criança na primeira infância, percebemos a importância desse período e a necessidade de estratégias para fortalecer e auxiliar sua formação. Conforme Silva (1991, p. 57), “bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos, desde bebezinhos, poderá ser uma excelente conquista para toda a vida”.

3 A importância da leitura para o desenvolvimento da criança com deficiência intelectual

Como o foco deste estudo abrange a criança com deficiência intelectual, vamos conhecer um pouco mais sobre elas. O primeiro impasse que encontramos para relatar sobre a Deficiência Intelectual (DI) é a maneira correta de como classificá-la. A DI já foi tida com várias outras nomeações como retardo mental, excepcional, retardado, deficiente, entre outros.

Nos dias atuais, a maior dúvida para classificar essa deficiência encontra-se entre Deficiência Mental (DM) e Deficiência Intelectual (DI). Mas, por meio de modificações de documentos, como a Declaração de Salamanca, e nomes de associações influentes, como a *American Association of Mental Retardation* (AAMR) e a *American Association on Intellectual and Developmental Disabilities* (AAIDD), percebe-se que hoje o termo correto a ser utilizado é “pessoa com deficiência”, para qualquer deficiência, e no caso da deficiência cognitiva o termo correto a ser utilizado é “pessoa com deficiência intelectual”.

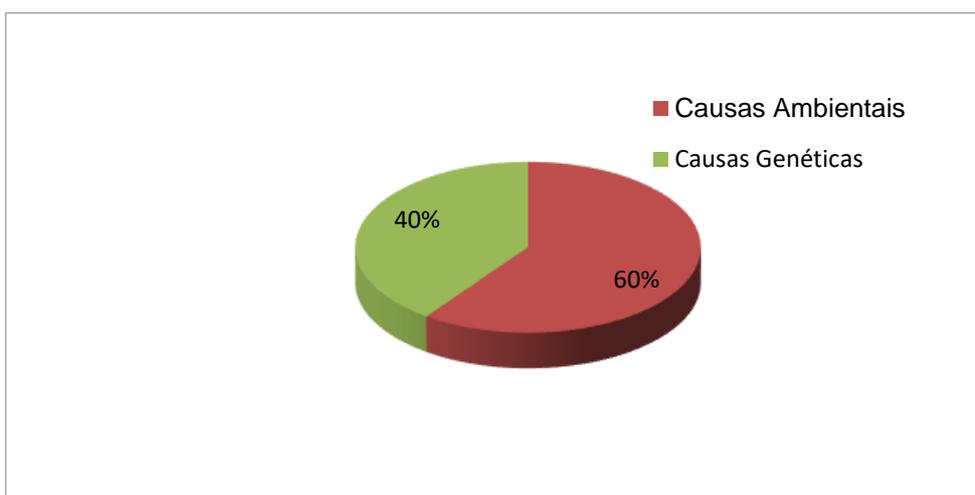
A deficiência intelectual é uma das deficiências mais encontradas em crianças

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

e adolescentes, atingindo 1% da população jovem (VANCONCELOS, 2004). Caracterizada pela redução no desenvolvimento cognitivo, ou seja, quociente de inteligência (QI) normalmente abaixo do esperado para a idade cronológica da criança ou do adulto, acarretando, muitas vezes, um desenvolvimento mais lento na fala, no desenvolvimento neuropsicomotor e em outras habilidades. “A deficiência intelectual não é considerada uma doença ou um transtorno psiquiátrico, e sim um ou mais fatores que causam prejuízo das funções cognitivas que acompanham o desenvolvimento diferente do cérebro” (HONORA; FRIZANCO, 2008, p. 103).

O diagnóstico da pessoa com deficiência necessita do envolvimento de grupos de fatores biomédicos, etiológicos, comportamentais, sociais e educacionais. Trata-se de um diagnóstico que está a cargo de médicos e equipes multidisciplinares. De um modo geral, a demanda atende propósitos educacionais, ocupacionais, profissionais e de intervenção. As causas da DI são desconhecidas entre 30 e 50% dos casos, podendo ser genéticas, congênitas ou adquiridas. As mais conhecidas são: Síndrome de Down, Síndrome alcoólica fetal, Intoxicação por chumbo, Síndromes neurocutâneas, Síndrome de Rett, Síndrome do X-frágil, Malformações cerebrais e Desnutrição proteico-calórica. A ONU (Organização das Nações Unidas) classifica as causas da deficiência intelectual da seguinte maneira:

Figura 1 – Causas da Deficiência Intelectual



Fonte: Honora e Frizanco, 2008, p. 104

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Entende-se que a pessoa com deficiência intelectual tem a construção da sua inteligência a partir das suas experiências, dos estímulos e do contexto que esteja inserida, assim como qualquer outra criança. Consequentemente, não se justificam práticas centradas no nivelamento cognitivo e nas limitações decorrentes da deficiência intelectual; ao contrário, deve-se descobrir as habilidades da criança, favorecer e valorizar suas potencialidades, facilitando a aprendizagem.

A atual concepção de deficiência presente na Convenção Internacional sobre as Pessoas com Deficiência, de 2007, presente do Decreto 6.949, de 25 de agosto de 2009, que promulga essa convenção, registra que “pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensoriais, os quais em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2009, s/p). Ou seja, não é a pessoa que apresenta uma deficiência, mas a sociedade que impõe barreiras. Superar a deficiência não é tão somente cuidar dos impedimentos, mas possibilitar e criar mecanismos que eliminem as barreiras existentes no ambiente.

Dessa forma, a criança deve ser estimulada independentemente da sua limitação cognitiva. Portanto, o estímulo à leitura para a criança com deficiência intelectual vem ajudá-la a transpor barreiras. É através da leitura que apresentamos um mundo mágico ou obscuro, real ou imaginário, encantador ou assustador. É através dela que podemos viajar sem sair do lugar, dar possibilidades, vivenciar o inatingível.

Na criança com deficiência intelectual, a capacidade de argumentação também pode ser afetada e deve ser devidamente estimulada, para facilitar o processo de inclusão e fazer com que a pessoa adquira independência em suas relações com o mundo. A leitura propicia à criança estímulos sensoriais diversos e, como já vimos, quanto mais os sentidos são estimulados, mais rápido há o desenvolvimento do seu cérebro. Ainda temos como benefício o fortalecimento de vínculos que são propiciados, nesse momento, e que são tão importantes para aspectos emocionais da criança, como segurança e afeto.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Considerações finais

O exercício de refletir sobre o processo de desenvolvimento da criança é instigante e desafiador. Quanto mais se pesquisa, mais estudos pretende-se fazer e mais dados deseja-se colher. Quando de posse dos resultados dos estudos, então, aí sim brota a motivação para se ir além. Nesse sentido, este trabalho firmou-se na premissa de que é importante oferecer oportunidades de leitura e interação com o outro, tanto para a criança deficiente intelectual, como para todas as outras, com deficiência ou não.

Assim, ao desenvolver a pesquisa bibliográfica, buscou-se compreender como se construíam os processos favorecedores da leitura, além dos sentidos e necessidades que o permeavam e o papel que o outro tem no desenvolvimento da criança. Por isso, as relações com a criança devem ser permeadas de motivação e incentivo, para que ela tenha maiores oportunidades para se desenvolver. Foi possível observar, a partir desse trabalho, que são poucas as fontes de referência sobre o tema em questão, sendo necessário ir além da área educacional, buscando fontes nas áreas de psicologia e psicanálise, para fundamentar a pesquisa.

Espera-se que a partir das reflexões e questionamentos contidos nesse artigo, haja um maior interesse em pesquisas e compilações bibliográficas, estimulando trabalhos de campo com implantação de programas e com resultados mais eficazes no que diz respeito ao interesse e incentivo à leitura para a criança com deficiência intelectual. Assim, pensar o desenvolvimento infantil e as relações humanas é muito abrangente e acredito ter contribuído para novos questionamentos, reflexões e transformações e que, a partir daí, novos olhares aconteçam em favor do incentivo à leitura, visando ao pleno desenvolvimento da criança e ao fortalecimento das relações humanas.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 6.949**, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília: Casa civil, 2009.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

HONORA, Márcia; FRIZANCO Mary L. **Esclarecendo as deficiências:** aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira.** São Paulo: Ática, 2002.

MACHADO, Maria Clara. A literatura deve dar prazer. **Revista Nova Escola.** São Paulo, n.73, p. 45-48, abr. 2001.

PIAGET, Jean. **A equilibrção das estruturas cognitivas - problema central do desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SANDRONI, Laura Constância; MACHADO, Luiz Raul (Orgs.). **A criança e o livro:** guia prático de estímulo a leitura. São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos:** reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. Série Educação em Ação. São Paulo: Ática, 1991.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Educação,** 2005. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil>>. Acesso em: 07 abr. 2016.

VASCONCELOS, Márcio M. Retardo mental. **Jornal de pediatria.** Porto Alegre, v. 80, nº 2, p. S71-S82, abr., 2004.

Recebido em: 05/02/2018

Aceito em: 10/03/2018